

Ontem fui assistir também a uma peça - *Dom Quixote* -, com o Balé Imperial Russo. Belíssimo! Gostei muito de sua leitura da peça, como sempre. Sabemos que, para apreendermos no movimento da história o *logos* que a entretetece, é preciso não só ouvir a matéria que ela vai narrando, mas, além dela, também tracejarmos o espaço que a situa, pois, ocorre mesmo deste modo como pensa Heráclito: *A verdadeira constituição das coisas gosta de ocultar-se*. E, mais uma vez, percebo, nessa análise que faz da peça, que esse é seu modo habitual de ler tudo o que lhe cai sob os olhos. Nestas duas pontuações que faz, você desvela sim o *logos profundo* que preside essa tragédia. Primeiro diz: *Lembrou-me o valor da antecedência. A vida sempre tem um antecedente. A cada episódio antecede sempre toda uma história. São momentos de um jogo, momentos de um baile. Da Andaluzia para a Espanha, e daí para o mundo, o flamenco conta uma história sempre turbulenta. Os mouros, os ciganos, os judeus, a santa inquisição; a tolerância e a intolerância religiosa a constituir o estofo das histórias, das vidas, dos bailes*. E, mais adiante, com essa, sutilmente enlaçada: *A noiva será como sua admirada nova mãe, uma viúva com dois mortos enterrados no pátio*. É nesse acontecer simultâneo, sincrônico – que se repete, como diz, *uma história turbulenta*. Há um *ato falho*: a mãe do noivo, ao dizer *não vou calar*, disse *não vou casar*. E há a fixidez do noivo reproduzindo esse desejo da mãe, desejo do Outro: *enquanto a noiva, siderada, joga ao chão a grinalda, o noivo, descuidado, deixa o presente de casamento cair*. Não, não há neles o movimento de sideração como o que impulsiona o artista bailarino, alçando-o para o alto; este, ao abandonar o peso de seu corpo, ultrapassa-o, e contemplando-nos com a visão da imaterialidade fugaz e livre de seu movimento. Mas não, os personagens da peça não se permitem esse movimento seguido da sideração. Como você bem o diz, *prevalece a força da história*, numa triste e trágica repetição! Nessa sua leitura, assim é desvelado o *logos profundo* que subjaz na trama. Tão bem entretecida sua argumentação! Um olhar de quem vê.

Dulcinea Santos  
Crítica literária

Recife, 31 de maio de 2010.